

## **McLuhanaíma: apropriação e novos sentidos de Makunaima/Macunaíma**

## **McLuhanaíma: appropriation and new meanings of Makunaima/Macunaíma**

**Arilene Martins Pinheiro<sup>1</sup>**

**Fábio Almeida de Carvalho<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo explora a trajetória do herói mítico Makunaima, originário das narrativas orais do povo indígena Pemon, e sua transição para a literatura brasileira através da obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade. O objetivo é analisar como o personagem foi apropriado e ressignificado em diferentes contextos culturais, especialmente na obra do historiador norte-americano Richard Morse, *A Volta de McLuhanaíma*, que adapta o herói para criticar o sistema acadêmico e cultural dos Estados Unidos. A metodologia baseia-se na análise comparativa das diferentes versões do herói, destacando sua capacidade de adaptação e reinvenção em diversos cenários culturais. O artigo utiliza a teoria da circulação literária e cultural de José Luís Jobim para discutir como Makunaima/Macunaíma transcende suas origens indígenas e literárias, tornando-se um símbolo de adaptação cultural. Os resultados mostram que o herói mantém características fundamentais enquanto assume novos significados em cada contexto, refletindo a dinâmica das relações interculturais. Conclui-se que a circulação de Makunaima/Macunaíma resulta em sucessivas transformações, evidenciando a capacidade do personagem de se reinventar e permanecer relevante em diferentes culturas e épocas.

**Palavras-chaves:** Makunaima; Macunaíma; Circulação literária e cultural.

**Abstract:** This article explores the trajectory of the mythical hero Makunaima, originating from the oral narratives of the Pemon indigenous people, and his transition to Brazilian literature through the work *Macunaíma: the hero without any character*, by Mário de Andrade. The objective is to analyze how the character was appropriated and given new meaning in different cultural contexts, especially in the work of American historian Richard Morse, *McLuhanaíma's Return*, which adapts the hero to criticize the academic and cultural system in the United States. The methodology is based on the comparative analysis of different versions of the hero, highlighting his capacity for adaptation and reinvention in different cultural scenarios. The article uses José Luís Jobim's theory of literary and cultural circulation to discuss how Makunaima/Macunaíma transcends its indigenous and literary origins, becoming a symbol of cultural adaptation. The results show that the hero maintains fundamental characteristics while assuming new meanings in each context, reflecting the dynamics of intercultural relationships. It is concluded that the circulation of Makunaima/Macunaíma results in successive transformations, highlighting the character's ability to reinvent himself and remain relevant in different cultures and times.

**Keywords:** Makunaima; Macunaíma; Literary and cultural circulation.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima (PPGL/UFRR). Professora efetiva da SEED-RR. E-mail: [martinsarilene@gmail.com](mailto:martinsarilene@gmail.com). Orcid: 0009-0004-1085-9393.

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista em produtividade 1D/CNPq; Professor Titular da Universidade Federal de Roraima do Programa de Pós-Graduação em Letras -PPGL/UFRR. E-mail: [fabioalmeidadecarvalho@yahoo.com.br](mailto:fabioalmeidadecarvalho@yahoo.com.br); Orcid: 0000-0002-1986-6782.

## **Makunaima/Macunaíma/McLuhanaíma: Símbolo de Adaptação e Ressignificação Cultural**

Makunaima é um herói mítico originário das narrativas orais do povo indígena Pemon da região circum-Roraima, na fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Suas histórias, transmitidas por gerações, retratam um personagem ambivalente, tanto criador quanto destruidor, cujos feitos estão intimamente ligados à geografia e à cosmologia da região. Makunaima é responsável por eventos etiológicos, como a criação de astros, plantas, animais e práticas culturais, como o uso do timbó na pescaria. Sua natureza complexa e multifacetada o torna uma figura central no imaginário indígena da região.

A transição de Makunaima para a literatura brasileira ocorreu no início do século XX, quando o escritor modernista Mário de Andrade publicou *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* (1928). Mário de Andrade, influenciado pelas pesquisas etnográficas de Theodor Koch-Grünberg, adaptou o herói indígena para o contexto literário brasileiro, criando uma obra que se tornaria um marco do Modernismo no Brasil. Macunaíma, na versão de Andrade, é um anti-herói, caracterizado por sua falta de caráter definido, sua preguiça e sua capacidade de se adaptar a diferentes situações. A obra é uma rapsódia que mistura elementos folclóricos, mitológicos e culturais brasileiros, refletindo a busca de Andrade por uma identidade nacional que incorporasse a diversidade cultural do país.

A importância de Macunaíma na literatura brasileira reside em sua capacidade de sintetizar as contradições e complexidades da cultura brasileira. O personagem, ao mesmo tempo em que é uma figura mítica, representa a ambiguidade e a pluralidade do Brasil, um país marcado pela miscigenação e pela convivência de tradições indígenas, africanas e europeias. Macunaíma tornou-se um símbolo da adaptação cultural, capaz de transitar entre diferentes contextos e assumir novos significados em cada um deles.

E assim, o herói pemon Makunaima tem circulado em diversos contextos culturais, num processo de deslocamento caracterizado pelos signos da permanência, da adaptação e da atualização. Nesse processo, a capacidade de adaptação e, por consequência, de assimilação de novos sentidos desse herói é admirável. O protagonista de narrativas orais indígenas do povo Pemon da região circum-Roraima, que se tornou personagem da etnografia alemã, e, posteriormente, um dos mais conhecidos da literatura brasileira - Macunaíma talvez seja o mais

exemplar caso de personagem do sistema literário brasileiro em termos de circulação e proliferação de identidades.

Essa capacidade de adaptação e ressignificação foi o que permitiu que o herói ultrapassasse as fronteiras da literatura brasileira e fosse apropriado por outros autores e contextos culturais. Um exemplo notável é a obra do historiador e brasilianista norte-americano Richard Morse, que, em *A Volta de McLuhanaíma*, reinterpreta o herói no contexto estadunidense, criando uma sátira sobre as relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina. Morse mantém a essência multifacetada do herói, mas o adapta para criticar o sistema acadêmico e cultural estadunidense, demonstrando como Macunaíma/Makunaima continua a ser uma figura relevante e adaptável em diferentes cenários culturais.

Assim, Makunaima/Macunaíma transcendeu suas origens indígenas e literárias, tornando-se um símbolo da capacidade de adaptação e reinvenção cultural. Sua trajetória reflete a dinâmica das relações interculturais e a maneira como personagens literários podem ganhar novos significados ao circular em diferentes contextos, mantendo-se relevantes ao longo do tempo.

## **1 A Apropriação de Richard Morse**

Richard Morse, historiador e brasilianista norte-americano, apropria-se do herói Macunaíma, originalmente criado por Mário de Andrade, e o reinterpreta no contexto estadunidense em sua obra *A Volta de McLuhanaima*. Morse, conhecido por seus estudos sobre a América Latina e sua empatia pela cultura brasileira, utiliza o personagem para explorar as complexas relações culturais entre os Estados Unidos e a América Latina, especialmente o Brasil. Sua reinterpretação do herói não é uma mera reprodução, mas uma transformação que reflete sua visão crítica sobre o imperialismo cultural e acadêmico dos Estados Unidos.

Para Morse, a literatura servia como índice de compreensão da vida social e como tal, a utilizava como instrumento para a compreensão dos contextos sociais. Em seu primeiro trabalho de fôlego, *Da comunidade à metrópole: a biografia de São Paulo*, já estão presentes os elementos que resultariam mais tarde em McLuhanaíma: cruzamento da história, das artes e da literatura, o Modernismo, e o Brasil e a cidade São Paulo. Como se percebe, sua obra é toda construída em torno dessa tópica.

Desse modo, o escritor norte-americano que falava sério por meio da brincadeira, se apropriou da personagem brasileira com base em um projeto particular que traz em seu bojo o cerne de suas reflexões sobre a busca obstinada para encontrar elementos para a compreensão dos processos de relacionamento, das mentalidades de que se impregnaram as distintas culturas americanas, do norte e do sul, aliada a sua empatia pela versão de modernidade, presente nas chamadas culturas ibéricas.

Morse tinha assumida predileção pelo Modernismo à brasileira. O autor defendia que o modernismo se tornara referência básica para a tomada de consciência não só latino-americana, mas também norte-americana. Tomando dele o que mais lhe interessava, o brasilianista vai estabelecer o que importa, o que é relevante para o seu momento histórico-cultural, e assim se apropria da personagem modernista de Mário de Andrade a partir de sua perspectiva sócio histórica, de seu contexto. Desta forma, há novamente atualização do herói em um contexto diferente.

Richard Morse via na obra de Mário de Andrade uma profunda conexão com a brasilidade, destacando como o modernista brasileiro explorava as transações e adaptações culturais do país. Em *A volta de McLuhanaíma*, Morse identifica várias convergências entre sua própria visão e a de Andrade, especialmente no que diz respeito à arte como expressão interligada à cultura, à tradição e à pré-história. Morse descreve Andrade como um "peregrino relutantemente modernista", alguém que buscava, quase como em uma jornada pelo Graal, resgatar as tradições brasileiras em meio à modernidade.

Na visão de Morse, os dados fornecidos por Koch Grümberg permitiram a Mário exemplificar suas intuições a respeito do ser humano brasileiro ou sul-americano. O que nos leva a supor que o mesmo tenha ocorrido no caso Mário-Morse e que Morse tenha sido marcado pelas estratégias literárias de Mário de Andrade; que o *Macunaíma* marioandradino tenha permitido a Morse exemplificar suas intuições. À vista disso, em *McLuhanaíma*, o brasilianista mantém a preocupação “com o foco cultural, com a visão de mundo que marcam distintas civilizações”, conforme atesta José Murilo de Carvalho (2021, p. 458).

Fábio Almeida de Carvalho (2015) observa que Mário de Andrade constrói o comportamento incaracterístico de *Macunaíma* a partir da tensão entre duas dimensões: a primitiva, de caráter mágico-religioso, e a técnica, herança europeia. Richard Morse, em *McLuhanaíma*, retoma essa estratégia ao contrastar a "mente primitiva, mitopoética" do herói com a "sociedade avançada" da Terra dos Papagaios, criando um diálogo entre o tradicional e

o moderno. Daí que, por consequência, ele marcou em tons fortes o contraste das duas visões de mundo.

### **1.1. McLuhanaíma: A Reinvenção de um Herói**

Em síntese, o conto narra a história do “herói da nossa gente”, McLuhanaíma, desde o seu nascimento num “anti-séptico quarto de hospital perto da nascente do Mississípi”. É nesse hospital que o herói vive até seus 33 anos sem reação ou fala alguma, sem pai nem mãe, conta dentre outros, com uma enfermeira que lhe aplica massagens diárias. É exatamente durante uma dessas seções de massagens que, como num passe de mágica, a vida confere vigor a McLuhanaíma.

É através de dois livros esquecidos na mesa de cabeceira pela nova enfermeira, que o herói tem conhecimento de “uma terra distante, exótica, de muita safadeza e subdesenvolvimento, chamada Terra dos Papagaios”. McLuhanaíma ficou admirado com a “histeriografia”, mas, como os dois livros traziam visões totalmente diferentes, o herói decide ir à Terra dos Papagaios pesquisar as bases empíricas dos relatos. McLuhanaíma requisitou diversas bolsas para pesquisa e conseguiu todas, criando assim a profissão de “brasilianista”.

Atente-se, nesse passo, para a ironia mais que ácida de Richard Morse em relação ao sistema universitário estadunidense e as formas de distribuição de suas benesses acadêmicas: “brasilianista” se torna, nessa sátira, numa “profissão” que produz uma “histeriografia” que tem por hábito distorcer a realidade. Haja vista que sempre utiliza como régua os parâmetros da cultura hegemônica.

Chegando à Terra dos Papagaios, o brasilianista soube que precisava de permissão assinada pelo “mais sábio dos sábios”, identificado com Dr. Althussio, que se tornara importante porque havia comido, antropofagicamente, um professor e bruxo. Ricas são, como se pode notar, as referências, pois em vez do Bispo Sardinha, os deglutidos foram um professor e bruxo, que muito provavelmente terá morado no Cosme Velho.

Após as orientações do Dr. Althussio, McLuhanaíma inicia imediatamente as atividades de sua pesquisa, a qual consistia em aplicar um questionário constituído de três perguntas aos gerais, os mandatários locais “sem ideias na cabeça e sem bactérias na comida” (fato que motivou a escolha de seus entrevistados). A pesquisa enfrenta, não obstante, dois problemas que dificultam sua conclusão: suas bolsas não ofereciam tempo suficiente para avaliar e explicar

os dados obtidos com as três perguntas e além disso, por engano o computador havia acrescentado duas perguntas oriundas de um questionário anterior.

Foi através das respostas a essas duas questões que McLuhanaíma descobre, então, que, durante meia hora por dia “ninguém estava governando o país”. Sabendo disso, o herói, através de uma ligação para o Departamento de Trânsito, e em que se apresenta como marechal McLuhanaíma, dá a ordem de enviar o “favelado mais mal pago, mais explorado de todo o departamento” para virar a placa que ficava no meio da Ponte-Grande Serafim para que ninguém mais repetisse a pesquisa do “primeiro brasilianista”. E foi assim, segundo a etiologia do conto, que os piratininganos foram todos para o norte enquanto os yankanadense foram todos para o sul.

Quando McLuhanaíma conclui sua estada e retorna aos Estados Unidos, ele não consegue publicar sua tese devido às “safadezas desse mundo”. Desiludido, somente resta ao herói “banzar solitário feito uma estrela numa vasta constelação que formava a insígnia no ombro de um general” (1990, p.273). É nessa conjuntura, que toma forma novo processo de estruturação identitária do herói, em um contexto outro a serviço de novo projeto autoral, que atribui nova feição ao herói.

## **2. Do Mito Indígena à Sátira Cultural: Circulação Literária e Cultural**

Como se depreende, McLuhanaíma, o herói com bastante caráter, chega à Terra dos Papagaios com toda sua parafernália analítica brasilianista e, demais, sustentado pelo generoso apoio de fundações de fomento estadunidenses. Nesta terra “exótica, de muita safadeza e não menos subdesenvolvimento”, ele entra em contato com um mundo em que suas teorias não funcionam, e em que os elementos da ordem do mitológico e do fantástico ainda afetam de forma concreta a vida das pessoas. Diante disso, seus métodos e equipamentos de pesquisa se revelam impotentes, se não mesmo ridículos. Note-se o teor da inversão da sátira.

Isto nos leva a confirmar, conforme argumenta José Luís Jobim (2017), que a circulação literária e cultural de um personagem como Macunaíma está diretamente ligada aos contextos históricos, sociais e ideológicos de seus novos lugares de inserção. Essa releitura e reapropriação do herói, como no caso de Richard Morse, reflete os interesses e as perspectivas do autor que o ressignifica. Morse, ao adaptar Macunaíma para o contexto estadunidense, não

apenas mantém elementos do original, mas também os transforma, criando uma nova transcrição que dialoga com as preocupações de seu tempo.

É importante ressaltar que nos baseamos em uma abordagem específica desenvolvida pelo teórico José Luís Jobim sobre a circulação literária e cultural da personagem Makunaima/Macunaíma, de como houve apropriação da figura do herói, pelo autor norte americano Richard McGee Morse. Desta forma, apontamos para o fato de que a personagem tem sido lida além de sua cultura de origem, circulando em um mundo mais amplo além de seu ponto de origem linguístico e cultural.

As diversas versões de Makunaima/Macunaíma se dão por causa da situação de contato continuado do herói com outras civilizações e, no caso específico em que se baseia nossa reflexão, com a norte-americana. Através da circulação do herói de um lugar para outro temos o desenvolvimento de ligações entre literaturas e culturas extremamente diferentes, como é o caso da literatura/cultura ameríndia e a não-ameríndia, a sul-americana e a norte-americana, a brasileira e a estadunidense, em um movimento de reinvenção do herói. Em uma nova versão, o herói com bastante caráter, McLuhanaíma traduz as ideias e reflexões de um grande pensador estadunidense “historiador literato, amante confesso e fiel do Brasil” e de toda a América Latina.

A primeira e visível consequência da adaptação do herói de origem indígena ao contexto estadunidense se apresenta na alteração do nome. O herói Macunaíma recebe na narrativa de Morse a designação de McLuhanaíma. Embora a diferença na adaptação do nome da personagem seja claramente perceptível, McLuhanaíma já aponta nitidamente para o Macunaíma de Mario de Andrade: além da semelhança na grafia e na pronúncia, traz ainda o subtítulo o herói com bastante caráter em oposição à o herói sem nenhum caráter – alcunha de caráter explicativo que completa o título – Macunaíma.

Vale também mencionar que a edição em português traz como título do livro “A volta de McLuhanaíma”, ou seja, a obra inteira, que aliás não se limita ao conto, é composta principalmente por ensaios, cinco especificamente, traz como referência o único conto do volume, o que nos faz supor que os editores julgaram ser esta uma referência importante para o público em português. De outro modo, quem não conhece Macunaíma: o herói indígena, protagonista da obra que é considerada por muitos a obra prima da literatura modernista brasileira? Elemento de grande propagação, mesmo quem não leu Macunaíma, de Mário de Andrade, sabe de sua existência.

A versão de Morse mantém o título constituído por nome próprio, e por consequência, a função de protagonista do herói. Nas primeiras linhas da narrativa, o escritor estadunidense anuncia que a fórmula que delinea o traço geral do perfil da personagem é conservada, que McLuhanaíma é o “herói da nossa gente” americana. Como se percebe, a paráfrase do texto de Mário de Andrade imita e transgride a um só tempo.

McLuhanaíma traz no nome uma combinação de McLuhan (educador, filósofo e teórico da comunicação canadense) e Macunaíma, o que evidencia a manutenção do caráter múltiplo do herói, que a personagem, assim como Macunaíma, decorre da fusão de outras personagens. Ele não é um, e sim uma reunião, uma mistura de coisas. Vem acompanhado de dois subtítulos: um em inglês, “The solid gold hero” e outro em português, “O herói com bastante caráter”, o que reafirma as associações culturais utilizadas para a construção da nova versão do herói.

Morse lembra, em *A volta de McLuhanaíma*, que Mário era musicólogo e que Gilda de Mello e Souza demonstra que, como tal, compôs Macunaíma com base em princípios musicais. Macunaíma é autodefinida como “rapsódia”, que a grosso modo remete a ideia de composição formada por fragmentos extraídos de outras obras, muitas vezes oriundos de temas tradicionais ou folclóricos.

Já McLuhanaíma é autodefinida como uma fuga, ou seja, outro gênero musical, por oposição à ideia de rapsódia, fazendo alusão a ideia de composição que tem como característica principal a imitação. Na fuga, um tema é exposto por cada voz, que é retomado depois em diferentes intervalos, sendo que ao mesmo tempo que se imitam, dialogam entre si. Eis que desponta como interessante objeto de análise comparativa o elemento musical (rapsódia e fuga) presentes nas duas obras.

Richard Morse define McLuhanaíma como uma brincadeira séria e a autoclassificação de McLuhanaíma faz parte dessa brincadeira de alteração. A composição de Morse (uma fuga) sobre o herói da nossa gente se inclui em uma extensa cadeia de textos pertencentes a gêneros distintos, produzidos por escritores diferentes, em épocas e contextos distintos, proporcionada pelo amplo movimento de circulação do herói, ressaltando o caráter de reinvenção do herói, seu poder transformador, em que a cada intervalo de tempo, é recriado em um novo contexto.

Em McLuhanaíma, Richard Morse apropria-se do Macunaíma, de Mário de Andrade e constrói um contexto cheio de referências diretas e cruzadas, tanto referências à elementos da cultura brasileira como estadunidense, indicativo do quanto Morse investiu na construção de McLuhanaíma. Nos deter a essas inúmeras, infinitas referências, não é o objetivo no momento,

no entanto citaremos algumas, a título de exemplificação ou que possam auxiliar em nossa proposta que tem como foco a investigação do deslocamento de Makunaima/Macunaíma para o conto de Richard Morse.

Sob o disfarce de pseudônimos humorísticos, desfilam pelo texto nomes que fazem referências a grandes personalidades. Com organização e notas de M. Cavalcade Prowess, Tony Frank e Harry O'Fields, o leitor mais atento de McLuhanaíma logo identifica a referência aos críticos literários M. Cavalcanti Proença, Antônio Candido e Haroldo de Campos, tantas vezes citados por Richard Morse. Ou, como gostava de referir, o “clã dos Ândrades”: Mariândrade, Oswândrade, Drummândrade, Carmemirândrade, todos eles responsáveis, de certa forma, e cada um à sua maneira, pela modernização da Terra dos Papagaios.

Os versos “Minha terra tem pessegueiros, / Do I have to eat a peach!” de Gonçalves Eliot que vêm como epígrafe do texto fazem referência a conhecidos poemas de Gonçalves Dias e de T. S. Eliot, importantes representantes literários das línguas portuguesa e inglesa, respectivamente. Além da clara fusão dos nomes dos dois escritores.

O conto é dividido em três capítulos e cada um deles iniciado por uma epígrafe, todas à moda da epígrafe do conto: fazendo referências a outros textos e brincando com pseudônimos. A do primeiro capítulo: “...uma pedra no meio do meu rim...” é de Bull Drummond, referência a Carlos Drummond de Andrade, um dos principais poetas da segunda geração do modernismo brasileiro, e a seu poema “No meio do caminho”. Acontece que pedra nos rins é muito mais doloroso e difícil de lidar que com uma pedra no meio do caminho. Eis outro exemplo de como são feitas as apropriações por parte de Richard Morse em McLuhanaíma.

No segundo capítulo encontramos a seguinte epígrafe “...ver a bunda passar...”, com a indicação autoral remetendo a um tal de Chique Boate. A epígrafe faz clara referência à canção A banda e ao seu verso mais famoso “...ver a banda passar...”, fragmento da canção de Chico Buarque de Holanda. Acrescente-se a referência ao estilo frequentador de boteco de Chico Buarque.

O último capítulo, traz como epígrafe, de Jack C. O'Mellow, III “The penis mightier than the sword / (Quem não tem pluma casa com cão)”, alusão a Cão sem plumas e ao poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto. Morse é um bricoleur, poder-se-ia completar.

Outra referência que vale ser citada está relacionada a construção de uma ponte de Wall Street até Piratininga, obra revolucionária e ousada sugerida pelo herói da nossa gente. A obra tem papel importante e decisivo no desenrolar dos fatos, afinal sem ela, McLuhanaíma não teria

realizado sua empreitada. A construção foi batizada de Ponte-Grande Serafim, em referência ao romance experimental Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade. Esta é obra singular no sistema literário brasileiro por sua ousadia. Ela foi recebida como escandalosa, como obra com uma enorme engenhosidade e criatividade. Outro ponto interessante é que em Serafim Ponte Grande, Oswald de Andrade mistura o elemento estrangeiro ao nacional, a exemplo da linguagem, na mistura de sotaques e de línguas e a Ponte-Grande Serafim é igualmente responsável por misturar o elemento estrangeiro ao nacional e assim acaba por misturar as culturas dos lugares que interliga.

Segundo José Luís Jobim (2020) a inserção literária e cultural é determinada predominantemente pela conjuntura do local em que este elemento vai incluir-se e que elementos oriundos de um determinado lugar, ao se correlacionarem com elementos diferentes daqueles presentes em sua origem, ganham novos sentidos, ao se incorporarem a um novo contexto. No caso de McLuhanaíma, Richard Morse retoma elementos comuns tanto ao Macunaíma de Mário de Andrade quanto ao Makunaima indígena, alguns elementos são substituídos, mas também introduz novos aspectos que são agregados à construção da personagem adaptando o herói ao contexto estadunidense. Essa reinvenção reflete a capacidade do personagem de ganhar novos sentidos ao circular em diferentes culturas.

Nas narrativas indígenas, Makunaima é personagem responsável pela composição e pela construção etiológica de grande parte do mundo conhecido, e seus feitos mantêm estreita relação com a geografia da região. A presença de elementos, como as pedras de diferentes formas e formatos, testemunha a passagem do herói e, demais, reconta sua trajetória; como ocorre no episódio em que ele recria a humanidade; dá conta do surgimento de astros, de certas plantas e animais, bem como da utilização de elementos da cultura, como a prática de uso do timbó na pescaria. Essa ambivalência, que o torna tanto criador quanto destruidor, é mantida nas adaptações literárias, como na obra de Mário de Andrade e Richard Morse.

Esta ambivalência é mantida na natureza do herói com bastante caráter. McLuhanaíma mantém os caracteres de herói transformador que desempenha papel fundamental dando ao mundo sua presente forma, pois é responsável pela grande renovação urbana de Piratininga, pelo desaparecimento das antigas construções, em favor dos arranha-céus. A explicação para as mudanças na arquitetura da cidade está nos peidos do herói após ingestão de feijoadas. A repetição diária das explosões levou à radical transformação física da cidade.

A cor amarela de todas as luzes dos postes de Piratininga é criação de McLuhanaíma, que a cada dia jogava um ovo num poste. O herói com bastante caráter criou a profissão de brasilianista e seu jeito de pronunciar o erre tornou-se o dialeto caipira. O herói da nossa gente é responsável também pela poluição de diversos rios, dentre eles o Tietê – problema que “até hoje” “nunca foi resolvido”, afirma o narrador. E acrescenta-se ainda, o verdadeiro causador da crise mundial do petróleo.

O slogan de Macunaíma é transformado ao substituir “saúde” por “continência” e “saúva” por “dependência”. Ao chegar em Piratininga, “depois de 45 minutos de pé na tábua”, McLuhanaíma olhou à volta e gritou a plenos pulmões: “Pouca continência e muita dependência / Os males desta Terra são!!!”. O dístico mantém a brincadeira com a sonoridade das palavras e revela, no fundo, um diagnóstico sobre as mazelas do país bem no estilo do dístico do herói sem nenhum caráter: “Pouca saúde e muita saúva, os males do Brasil são”.

Assim como Macunaíma, McLuhanaíma tem origens incertas, afinal “não tinha pai nem mãe não”. E igualmente, o local do nascimento é também incerto, uma vez que ocorreu num “anti-séptico quarto de hospital perto da nascente do Mississipi”, “lá pelas bandas inexploradas dos territórios de Minnesota ou Ontário”.

Na versão de Morse, o traço de irresponsabilidade moral e a ética duvidosa do herói da nossa gente é ratificado. McLuhanaíma não se importou em ser o causador da morte de 37 turistas argentinos, mas “verteu duas lágrimas” por ter causado a morte de um general, isso porque “reduziu seu universo de informantes” e ainda assim repensa pois foram “economizados trinta segundos de tempo de entrevista”.

Como procedimento de constituição da narrativa, a circulação interna, conforme designação de Durão (2017), e que se refere à movimentação da personagem pelos diversos espaços dentro da narrativa, é a mola-mestre desta “saga inigualável”, e assim como nas narrativas orais indígenas e na versão modernista, a trajetória do herói está repleta de deslocamentos. McLuhanaíma se desloca de seu local de origem para a Terra dos Papagaios, mais especificamente Piratininga, e é aí que acontece a maior parte dos eventos narrativos, pois é onde o herói se instala para realizar sua pesquisa e ocorre o episódio que justifica o termo “marechal” agregado ao herói.

Para alcançar seu objetivo, o herói se desloca ainda “por todas as cidades e aldeias da Terra dos Papagaios” e Montevideu, Assunção, Iquitos, Ciudad Bolívar e Paramaribo, para

depois retornar ao seu local de origem e finalmente ir embora banzar numa vasta constelação. Nesse sentido, o texto de Morse mantém o de Mário.

O retorno de McLuhanaíma, assim como o de Macunaíma, não significa felicidade. A conclusão da pesquisa não traz a alegria e a paz de espírito, pois ao retornar, McLuhanaíma não conseguiu publicar sua tese. Além da infelicidade e da pouca sorte do herói com bastante caráter no retorno a seu país, ele ainda foi acusado de plágio, uma vez que seus dados haviam sido roubados e “exaustivamente” publicados.

Podemos destacar ainda no McLuhanaíma de Morse, elementos que pertenciam ao lugar de Makunaima/Macunaíma como o “atraso” na fala do herói, o deslocamento da personagem dentro da narrativa e o fato de tornar-se uma “estrela solitária” que são incorporados a esse novo contexto de expansão do herói, mas que ganham novos sentidos. O que corrobora, ainda uma vez, a teoria de Jobim de que processos de circulação literária e cultural produzem sentidos novos, que se agregam aos já existentes em contextos de origem. E ressalta o fato de que as peculiaridades de Makunaima/Macunaíma voltam indefinidamente em variações através do tempo.

Isto significa que Morse não reproduz os elementos “importados”, mantendo-os nos termos em que eles foram articulados em seu ambiente original, mas transforma-os em outra coisa bem diversa. Assim, o herói durante anos não fala porque desde seu nascimento encontra-se hospitalizado sem reação alguma; o herói se desloca porque empreende uma pesquisa científica e “banza solitário feito uma estrela”, mas não é no “campo vasto do céu” e sim “numa vasta constelação que formava a insígnia no ombro de um general” – detalhe revelador da ironia fina e atenta de Morse para com o imperialismo estadunidense.

O caso, então não é de uma reiteração, mas de apropriação da tradição literária anterior pois Richard Morse tenta remodelar o “original”, desarticulando-o e rearticulando-o segundo sua própria perspectiva, a sua visão da essência da personagem, ou seja, ao se apropriar da personagem, Morse se apropria do elemento de outra cultura e o utiliza para outros fins, recompõe os sentidos alheios com seus próprios sentidos, fazendo assim uma outra leitura e transformando-o em outro.

Também é importante assinalar a noção de transculturação elaborada pelo cubano Fernando Ortiz Fernández, como destaca Jobim (2020, p.82). De acordo com esta concepção, encontros culturais, que são sempre complexos, implicam na mistura dos elementos dessas culturas, e não o predomínio absoluto dos elementos da cultura dominante. Essa fusão de

elementos culturais de culturas distintas que se dá através da incorporação de elementos “externos”, que são processados em contato com elementos do ambiente local, é o que ocorre com nosso herói.

Isso posto, não é difícil reconhecer que sob o prisma da circulação literária e cultural, Makunaima/Macunaíma é um exemplo por excelência de resultados do encontro cultural de populações de origens diversas, gerando um produto cultural em que as marcas de cada população são transformadas pelo contato com as outras. Visto dessa perspectiva, Makunaima/Macunaíma parece ter a “qualidade peculiar” de receber e assimilar o que vem de outras culturas e é (provavelmente por isso) sempre afetado pela circulação.

Assim, Macunaíma o herói sem “nenhum caráter” nacional, ou seja, sem características de um povo, de uma comunidade cultural, transforma-se em McLuhanaíma o herói com “bastante caráter” porque traz consigo características das culturas as quais pertence. Eis por que Makunaima/Macunaíma pode ser considerado caso insigne de personificação das relações de sentidos que circulam de dentro para além do limite do lugar de origem.

Importante frisar, que com a impressionante passagem da personagem para o contexto estadunidense, Morse institui seu lugar na cadeia de textos protagonizados por recriações do herói de origem indígena tão da nossa gente. Nesse movimento, acrescenta nova “transfiguração do herói”, na qual o ressignifica ao mesmo tempo que reflete sobre as relações culturais em um mundo marcado pela pluralidade, pela troca e pelo diálogo de elementos culturais distintos.

Desse modo, acreditamos ter arregimentado elementos suficientes para demonstrar o esboço do quadro geral no qual Macunaíma inseriu-se no solo cultural norte americano. Que à medida que Macunaíma tem contato com essa outra realidade, de culturas outras, novos caracteres vão se integrando e compondo a personalidade do herói, transformando-o em outro, ainda que, em alguns aspectos, continue o mesmo, em um movimento em que a personagem permanece e se reedita com o tempo.

## **Considerações Finais**

A circulação de Makunaima/Macunaíma lhe acarreta sucessivas realizações, frutos das relações e interações com elementos dessas novas fontes culturais e assim como nos demais, este deslocamento do herói de origem indígena resultou em alterações de sentido que ganha neste novo cenário cultural que passa a ocupar. Como McLuhanaíma, em uma nova versão que

mantém alguns caracteres enquanto agrega outros a seu perfil identitário, o herói da nossa gente vai circular em um novo contexto e povoar o imaginário das gentes de outras culturas.

Em vista de tudo que foi dito, é fácil constatar que Macunaíma/McLuhanaíma se configura excelente caso para exemplificar a tópica do encontro de culturas, bem como sobre a geração de produtos culturais em que as marcas de diferentes biomas culturais são transformadas pelo contato com as outras. Ou ainda como acrescenta Carvalho (2015, p. 254) para discutir “o modo por que as culturas se nutrem umas das outras e o quanto a literatura tem a ver com os processos de atribuição de identidades”

Desta forma, podemos concluir que o amplo movimento de circulação do herói, ressalta seu caráter de reinvenção, seu poder transformador, sua capacidade de adaptar-se e continuar existindo. Por conseguinte, esses deslocamentos, acabam por situá-lo em outro lugar e tempo, o que promove a construção de novos e diferentes sentidos. Por último, afetado pela circulação, o herói de origem indígena que transita em mundos muito além de seu ponto de origem linguístico e cultural recebe nova transfiguração em Richard Morse que lhe atribui novos sentidos ao mesmo tempo que reflete sobre as relações culturais em um mundo marcado pela pluralidade, pela troca e pelo diálogo de elementos culturais distintos.

## Referências

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 32 ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001

CARVALHO, Fábio Almeida de. Considerações sobre a literatura da região circum-Roraima. **Gragoatá**, Niterói, v.25, n. Comemorativo, p. 430-454, julho 2020

CARVALHO, Fábio Almeida de. A produção literária da região circum-Roraima. In: CARVALHO, Fábio, MIBIELLI, Roberto, FONSECA, Isabel Maria (Org.). **Literatura e Fronteira**. Boa Vista: Editora da UFRR - EdUFRR, 2017. p. 93 – 115

CARVALHO, Fábio Almeida de. **Makunaima/Macunaíma**: contribuições para o estudo de um herói transcultural. Rio de Janeiro: E-papers, 2015

CARVALHO, José Murilo de. Richard Morse e a América Latina: ser ou não ser. In: CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados: Escritos de história e política**. 2 ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2021. p. 457 – 469

DURÃO, Fabio Akcelrud. Circulação e princípio constitutivo. In: JOBIM, José Luís (ed). **Circulação Literária e Cultural**. Peter Lang Ltd, International Academic Publishers, 2017

JOBIM, José Luís. **Literatura comparada e literatura brasileira: circulações e representações** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: Makunaima; Boa Vista: Editora da Universidade Federal de Roraima, 2020.

JOBIM, José Luís. **A Circulação Literária e Cultural**. Oxford: Peter Lang, 2017

MORSE, Richard McGee. **A Volta de McLuhanaíma: cinco estudos solenes e uma brincadeira séria**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORSE, Richard McGee. **De comunidade a metrópole: biografia de são Paulo**. Tradução: Maria Aparecida madeira Keberg. São Paulo: Editora Gráfica Irmãos Andrioli, 1954.